

→ O THRILLER DO ANO ←

NUNO
NEPOMUCENO

PECADOS SANTOS

NÃO MATARÁS

(ÊXODO 20, 23 – DEUTERONÓMIO 5, 17)



cultura



* A companhia dos livros.

NUNO
NEPOMUCENO

PECADOS
SANTOS

NÃO MATARÁS

(ÊXODO 20, 23 – DEUTERONÓMIO 5, 17)



uma marca



Aceleradora de Conteúdos

info@culturaeditora.pt | www.culturaeditora.pt

—

© Nuno Nepomuceno e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Titulo: *Pecados Santos*

Autor: Nuno Nepomuceno

Revisão: Paula Caetano

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga

Fotografia do autor por Assunção Castello Branco, Lift Consulting. © Nuno Nepomuceno

Imagen de capa: fogueira: © Mark Fearnor / Arcangel; restantes imagens: © Shutterstock

ISBN: 978-989-8886-10-1

1.ª edição: janeiro de 2017

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 435 433/17

PA: gr

Formato: 15x23 cm

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Pecados Santos contém palavras e expressões em hebraico, que nesta edição surgem transliteradas para o alfabeto latino na respetiva grafia inglesa para uma mais fácil compreensão das mesmas, podendo não corresponder à grafia específica de certas comunidades judaicas.

O livro integra excertos da Tora traduzidos de forma livre pelo autor a partir da edição norte-americana de *The Torah – The Five Books of Moses*, Jewish Publication Society of America, 1962. Para uma plena interpretação dos textos em causa, deverá ser lida a versão original.

Pecados Santos é uma obra de ficção inspirada em acontecimentos verídicos e bíblicos. Contudo, as personagens que nela aparecem foram criadas pelo autor. As ações e opiniões que expressam não devem ser confundidas com as personalidades reais a que correspondem. O mesmo se aplica às entidades e comunidades religiosas referidas no livro.

Preâmbulo

Serpentine Lodge, Hyde Park,
Londres, Reino Unido

Fim do verão de 2004

Não foi a garganta cortada ou o sangue ainda quente e espesso que manchava o manto azul depositado sobre a cabeça da jovem que mais chocou o polícia que encontrou o corpo. Mas sim o objeto que estava na mão da pequena criança morta deitada no seu regaço. Era uma romã.

O homem conteve as náuseas e abandonou o quarto em busca da outra vítima. Pela primeira já nada poderia ser feito. O padrão confirmara-se. Tinham descoberto o ninho do assassino. Um homicida sem rosto matara de novo e não mostrara qualquer espécie de clemência. O cenário repetia-se, o simbolismo era inegável. A mulher. O menino. Maria.

Passos em surdina percorreram o soalho antigo do corredor. Focos de luz rasgavam as trevas que envolviam o chalé a partir da rua. Um silêncio angustiante sufocava os agentes. Ninguém respirava. Existia um cheiro a óbito no interior da velha casa dos guardas do parque. Mais alguém morrera ali dentro naquela noite.

A porta de madeira sucumbiu com facilidade. A escuridão dissolveu-se lentamente perante os olhos do polícia. Uma figura nua encontrava-se deitada de costas sobre um colchão velho e deteriorado. Molas enferrujadas percebiam-se à superfície, fundindo-se com a espuma e o algodão. Era o berço de um cadáver.

O homem avançou para dentro do quarto e voltou-o para si. Do sexo masculino, o rosto mostrava feições diferentes das que imaginara. Não apresentava traços grotescos ou tenebrosos como pensara ser os de um monstro. Porém, belos, alvos como o retrato imortal de um anjo.

A esquadra foi informada de que o corpo do homicida havia sido encontrado. A ferida profunda que evidenciava no abdómen rapidamente lhe roubara a vida. O seu legado terminara. Onze mulheres e crianças barbaramente assassinadas. Restava-lhes descobrir a derradeira vítima, a décima segunda, tal como ele lhes prometera na última carta que lhes enviara.

O agente ouviu o rádio que trazia preso à cintura debitá-lhe novas palavras de ordem. Doeram-lhe, queimando-o por dentro. Resignado, com o coração em sobressalto, respirou fundo, abandonou o quarto e regressou ao corredor. O desconhecido assustava-o. Receava o que ainda poderia vir a encontrar. Nada consegue ultrapassar o mal que um ser humano é capaz de infligir a outro.

O homem colocou a mão sobre a maçaneta da última divisão da casa e fê-la rodar. Percebeu um vulto no interior. Permanecia sentado, imóvel a um canto, certamente morto. Acionou o interruptor e uma luz branca, crua, jorrou sobre o corpo. Tratava-se de uma mulher, jovem ainda. Os olhos castanhos estavam abertos e fixos, vítreos. Uma das mãos encontrava-se pousada sobre o ventre ferido, enquanto a outra agarrava um pedaço de metal com rigidez. As pernas tinham ficado abertas, estendidas sobre uma poça de sangue.

O polícia exalou e sentiu o fatídico ónus da morte cair sobre si. Fracassara uma última vez. Ajoelhou-se perante ela e baixou-lhe as pálpebras num gesto de compaixão. A vítima morrera a defender-se. Merecia todo o seu respeito.

A mulher abriu os olhos de repente e fixou-o, assustada.
Estava viva.

The City, Londres, Reino Unido
*Sabat Comemorativo da Fundação da Sinagoga
de Bevis Marks*

Treze Anos Depois

O rosto ensanguentado do rabino Samuel estremeceu de horror ao ver o corpo inanimado do menino ser depositado ao seu lado. Um pânico profundo deformava-lhe o rosto de um modo quase animalesco. Os olhos escuros pestanejavam rapidamente, lavados por lágrimas, e a vida escorria-lhe como riachos vermelhos por entre os lábios, ensopando a barba morena.

O líder da comunidade judaica tentou pedir socorro quando o assassino lhe fechou os dedos em torno do cabo de uma adaga e começou a manipular-lhe os braços. Não foi capaz. O potente tranquilizante que lhe havia sido administrado impossibilitava-o de se defender. O cérebro parecia ser o único órgão que respondia. E falava consigo através de gritos angustiados. O que iria acontecer àquele pequeno anjo? Estaria ele prestes a assistir à morte do seu próprio filho?

Uma das mãos foi posicionada sobre o pescoço da criança, como se estivesse a impedi-la de se debater. A outra, a que segurava o punhal, ficou junto ao tronco despido do menino. Dormia profundamente, dopado até ao limiar da vida, e a pele imaculada da barriga ondulava com serenidade ao sabor da respiração regular.

O assassino voltou-se de costas e colocou-se de cócoras. Um som árido quebrou por momentos a mudez sepulcral que inundava

o edifício centenário da sinagoga, ao mesmo tempo que os dedos enluvados abriam o fecho de correr de um saco de viagem preto. Trabalhou em silêncio, com método, até que se virou de novo. Contemplou o filho e o pai deitados sobre o tampo escuro da secretária.

O rabino esbugalhou os olhos ao ver a cabeça decepada de um porco ser colocada junto a ele. Seguiram-se umas asas de papel mais abaixo. E foi então que começou a ser salpicado de sangue.

O assassino recolheu a mala e afastou-se em direção aos degraus da plataforma. A última pinçelada estava dada e o resultado era uma obra-prima. Um sacrifício milenar, o grande testemunho da fé divina, encenado por um profeta do nosso mundo. Não havia maior ato de apostasia.

A morrer devagar devido à hemorragia interna de que padecia, Samuel tentou manter-se consciente enquanto o viu percorrer a escada e dirigir-se aos candelabros. Já anoitecera lá fora e um tom dourado tomou conta do antigo refúgio sefardita à medida que estes foram acesos.

O rabino ouviu vozes no exterior e estremeceu outra vez, dominado por um último ataque de espasmos. As pessoas estavam a chegar. O *sabat* iniciar-se-ia em breve. Tratava-se de uma ocasião especial, comemorativa, à qual se seguiria um jantar festivo no salão. Juntos, ele e a comunidade iriam celebrar o dia de descanso. Não marcaria presença pela primeira vez desde que assumira a liderança da congregação. Mas o Criador esperava por ele; já conseguiavê-Lo. O seu único consolo era o rosto angelical do filho adormecido ao pé de si.

O assassino dirigiu-se às portas de madeira sem voltar a olhar para trás. Completamente vestido de negro, a cabeça coberta por uma balaclava, continuou a andar em passos decididos, transpôs o vestíbulo e saiu. Não sentia remorsos. Pelas costas, o templo judaico resplandecia. A luz que emanava dos candelabros e castiçais pintava de dourado os doze pilares que sustentavam a casa divina, símbolo das doze tribos hebraicas. No meio, sobre a *bimah* — a plataforma da liturgia —, um homem cumpria o sacrifício divino. E ao fundo,

distantes junto à parede que dava para Jerusalém, as portas da Arca da Aliança estavam abertas. Tinham os Dez Mandamentos escritos nas tábuas de madeira e no seu interior, os rolos de pergaminho da Tora – o livro santo da fé judaica – eram velados de perto pela *ner tamid* ou luz eterna. A Santa Congregação dos Portões do Céu estava finalmente pronta para acolher os filhos de Israel e começar o serviço religioso.

Que Aquele que fez a paz no céu também a fizesse para todos eles.

LIVRO PRIMEIRO

Génesis – *Bereshit*

No Início

Eles ouviram o Senhor Deus movimentar-se no jardim à frescura do dia e o homem e a mulher esconderam-se do Senhor Deus por entre as árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?» E ele respondeu: «Ouvi-te no jardim e, cheio de medo, escondi-me, porque estou nu.» Ele perguntou-lhe: «Quem te disse que estás nu? Comeste, porventura, da árvore da qual te proibi de comer?» O homem respondeu: «Foi a mulher que trouxeste para junto de mim. Ela ofereceu-me da árvore e eu comi.» Então, o Senhor Deus perguntou à mulher: «Porque fizeste isso?» A mulher respondeu: «A serpente enganou-me e eu comi.»

Tora
Génesis 3, 8-13

Faculdade de Estudos Orientais e do Médio
Oriente, Universidade de Cambridge, Reino Unido

29 de outubro de 2004

No início, os alunos nem sequer notaram quando entrou na sala de aula. O professor pousou uma pasta de cabedal já coçado entre a cadeira e a secretária, e arrumou-a com modos educados. Ligou o projetor de diapositivos e limitou-se a observar a pequena audiência que tinha defronte enquanto aguardava que a máquina arrancasse. Não aclarou a garganta ou chamou a atenção de qualquer outro modo. Manteve-se simplesmente em silêncio e esfregou um dos olhos, aflito, apesar do típico dia de outono inglês, escuro e a ameaçar chuva. Sentia um ardor persistente desde o arranque do período letivo e o burburinho excitado que voava pelo ar só intensificava sobremaneira a pungente dor de cabeça que se lhe juntara entretanto.

A notícia de que Arafat, o líder da OLP, a Organização para a Libertação da Palestina, acabara de ser internado num hospital localizado nos subúrbios de Paris incinerara os blocos informativos durante toda a manhã como uma bomba de napalm. Os especialistas multiplicavam-se em comentários nas principais estações televisivas. Eram unâimes, contudo. Yasser, ou Yassir, a carinhosa alcunha, sinónimo de «descontraído», com que Mohammed Abdel Raouf Arafat al Qudwa al Husseini, o seu verdadeiro nome, fora batizado ainda em adolescente, sofria, segundo fontes oficiais, de diarreia,

vómitos e dores abdominais generalizadas, consequência de uma grave falha renal. Era um rumor substancialmente credível que não deveria durar muitos mais dias. A luta terminara para o codetendor do Prémio Nobel da Paz de 1994. O sempre transitório equilíbrio do Médio Oriente chegara de novo à orla do precipício. E aqueles rapazes e raparigas cheios de sonhos, apesar de jovens e idílicos, tinham plena consciência de estarem a viver um dia histórico — dos que mudam a face do mundo.

Os murmúrios desvaneceram-se de forma gradual até se extinguirem. Os caloiros focavam-se, curiosos, na imagem projetada sobre a tela branca. Tratava-se de um quadro a óleo. Um idoso calvo, de barba branca, a segurar um punhal com uma mão e uma criança nua que se debatia com a outra, encontrava-se perante eles. Acompanhava-os a cabeça de um carneiro e um anjo.

Alguns metros à frente, bem real, repararam, enfim, na figura expectante de um homem. Nunca o tinham visto. Deveria ter trinta e alguns anos, talvez. As vestes eram simples. O corpo, seco e magro. E o cabelo, forte, encaracolado e castanho, tal como a cor dos olhos. Que, apesar de avermelhados, transmitiam uma estranha serenidade. O professor examinava-os um a um, embora não com recriminação ou austeridade, mas de uma maneira simplesmente analítica, como um arquiteto que esboçasse os últimos traços de um projeto que em breve se tornaria lendário. De nítidas feições europeias, aparentava não ser britânico e a sua presença naquela sala de aula podia resumir-se em apenas uma palavra — desarmante.

— Agora que consegui chamar a vossa atenção — começou ele, sem se apresentar —, quem é capaz de me dizer que quadro é este?

Os alunos voltaram a sussurrar entre si e alguém pronunciou timidamente o nome de Caravaggio.

— Não me refiro ao autor — esclareceu o docente. — Peço-vos que vão além da obra e que reflitam sobre o que significa. Porque é importante? Que relevância poderá uma pintura renascentista ter no complexo panorama político do Médio Oriente contemporâneo?

A curiosidade inaugural deu lugar a alguma confusão. A turma inicial de Estudos Médio-Orientais entreolhou-se. Não só lhes tinha

sido atribuído um novo professor, como começavam a ficar com a sensação de estarem no limiar de uma lição bem diferente.

— Chamo-me Afonso Catalão e não *Catalon*, como alguns dos vossos colegas mais velhos têm o mau hábito de me interpelar — explicou ele, apoiado por uma voz segura. O tom era, contudo, afável, e o sotaque, imaculado. — Sou português e não espanhol. Nasci no Alentejo, uma região rural no Sul do meu país, onde a calma e autenticidade da sua gente é normalmente motivo de piadas nacionais. Não julgo que seja o meu caso, no entanto. Considero-me sério e grave por natureza, orgulho-me do meu percurso académico e estou aqui hoje, diante de vós, na qualidade de novo responsável por esta cadeira introdutória, em substituição do Dr. John Petterson, ausente a representar a faculdade num intercâmbio.

Os olhares da audiência oscilaram entre ele e o quadro a óleo projetado nas suas costas.

— Vamos começar a aula, então — continuou o professor, sem hesitar. Virou-se ligeiramente de lado, para o Caravaggio, sem, contudo nunca perder o contacto visual com os alunos. E rematou:

— Bem-vindos ao *Sacrifício de Abraão*.



* A companhia dos livros.

**Nas comunidades judaicas de Londres e Lisboa, ocorre
uma série de homicídios, todos eles recriando episódios bíblicos.
Atos bárbaros de antisemitismo ou de pura vingança?**

Um rabino é encontrado morto numa das mais famosas sinagogas de Londres. O corpo, disposto como num quadro renascentista, representa o sacrifício do filho de Abraão, patriarca do povo judeu.

O caso parece ficar encerrado quando um jovem professor universitário a lecionar numa das faculdades da cidade é acusado do homicídio.

Descendente de portugueses, existem provas irrefutáveis contra si e nada poderá salvá-lo da vida na prisão.

Mas é então que ocorrem outros crimes, recriando episódios bíblicos em circunstâncias cada vez mais macabras. E as dúvidas instalam-se.

Estarão ou não estes acontecimentos relacionados?

Poderá o docente vir a ser injustamente condenado?

Porque insistirá a sua família em pedir ajuda a um antigo professor, ele próprio ainda em conflito com os seus próprios pecados?

As autoridades contratam uma jovem *profiler* criminal para as ajudar a descobrir a verdade. Mas conseguirá esta mente brilhante ultrapassar o facto de também ela ter sido uma vítima no passado?

Abordando temas fraturantes da sociedade contemporânea como o antisemitismo e o conflito israelo-árabe, e inspirando-se nos Dez Mandamentos e outros episódios marcantes do Antigo Testamento, *Pecados Santos* guia-nos através das ruas históricas de Londres, Lisboa e Jerusalém, numa viagem intimista e chocante sobre o que de mais negro e vil tem a condição humana.

